

A BIBLIOTECA INFAME DE ELEANORA MURRAY

Beatriz Scigliano Carneiro

Beatriz Scigliano Carneiro é formada em ciências sociais, é pesquisadora no Núcleo de Sociabilidade Libertária - NU-SOL, da PUC-SP. <http://www.nu-sol.org/>
Fez mestrado (dissertação: A vertigem dos venenos elegantes: o uso de narcóticos em São Paulo no início do século XX, 1993) e doutorado (tese: Relâmpagos com claror: Lygia Clark e Hélio Oiticica, a construção da vida como obra de arte, publicada em livro pela Editora Imaginário/Fapesp, em 2004), sempre na PUC-SP.

“Yo sé de una región cerril cuyos bibliotecários repudian la supersticiosa y vana costumbre de buscar sentido en los libros y la equiparan a la de buscarlo en los sueños o en las líneas caóticas de la mano...”

Jorge L. Borges, *La Biblioteca de Babel*

Um corredor longo e pouco iluminado levava Eleanora Murray, a chefe do setor, para o salão de leitura da Biblioteca da Universidade de Arrowmaze. Ela parecia deslizar, sem eco nas tábuas do assoalho, apesar dos sapatos pesados de inverno. Por sete anos, cada vez que ela subia as escadas em direção ao corredor, após o almoço, o relógio pendurado no primeiro arco de sustento da passagem marcava 15:57.

Das 16 até as 21 horas, ela costumava atender os consulentes. Antes disso, passava a manhã e parte da tarde catalogando os livros do acervo, distribuídos por três andares do edifício e pelo seu gabinete de trabalho particular no porão. Silenciosa e discreta, sua presença se fazia sentir nos diversos setores da Biblioteca, da restauração aos serviços de divulgação e informática.

Muitos porém, nem chegavam a perceber como ela influía em tudo que se referisse ao cuidado com os livros. Uma fórmula eficaz para restauração de um tipo raro de pergaminho, que valeu um prêmio à equipe de restauração, tinha sido o resultado de uma pesquisa em livros de química, bioquímica e de testes realizados em seu gabinete. No entanto, ela passou as descobertas com tanta sutileza para não ferir suscetibilidades, que praticamente fez com que os membros da equipe acreditassem que a técnica era uma invenção do grupo. Foram laureados. Deste modo, Eleanora obteve verba para preservar algumas obras raras favoritas e continuou, como sempre, imperceptível em meio à poeira e aos papéis.

Alguns consulentes esperavam ansiosos pela chegada de Eleanora. Por esta atividade ela saía do anonimato e dela retirava seu prestígio: o auxílio precioso e paciente a usuários interessados em temas complexos, raros ou bizarros, usualmente os freqüentadores do horário noturno. Os alegres estudantes, os despreocupados cumpridores de tarefas, ela os deixava para os estagiários e auxiliares de plantão.

Após breves cumprimentos com aceno de cabeça, sem olhar diretamente para ninguém, tirou o casaco pesado de lã azul-marinho, ajeitou a cadeira e se sentou solenemente. A estagiária entregou-lhe a lista dos pedidos anteriores e foi dispensada. Uma das tarefas prioritárias de Eleanora ao chegar era inteirar-se do conteúdo das consultas de cada

dia. Ninguém ousava interrompê-la durante esses minutos de concentração.

Entretanto, a teia de seu cotidiano, naquela tarde, mostrava indícios de rompimento. Um adolescente aflito, o único naquela tarde, sem perceber uma seqüência tácita de atendimento entre os ocupantes das mesas, dirigiu-se direto para ela, que mal iniciara seu ritual de chegada. Ele quase nunca aparecia na Biblioteca. O menino demonstrou uma intimidade com ela que surpreendeu os mudos observadores da cena. Eleanora o conhecia desde criança, era Guy, filho da única mulher a quem podia eventualmente chamar de amiga naquela pequena cidade, dona do café onde ela almoçava diariamente. A surpresa maior coube ao sorriso sincero de Eleanora ao vê-lo. Ninguém ousou protestar pela furada da fila. Raramente ela sorria.

Guy em voz baixa contou que sonhara muitas noites com um animal e queria identificá-lo. Ela pediu licença aos que estavam mais próximos aguardando atendimento, procurou alguns títulos no computador, encaminhou-os para o encarregado buscar e explicou como poderia descobrir a espécie sonhada. A seguir, ajeitou-se novamente em sua cadeira, juntou alguns papéis, arrumou os óculos e olhou para o próximo a ser atendido, retomando seu modo impessoal:

— “Em que posso ajudar?” —

O apartamento de Eleanora não tinha campanha externa funcionando. Ela não recebia visitas. Não tinha telefone. A vizinha do lado ofereceu-lhe o seu, caso precisasse, mas decepcionou-se pois nunca foi preciso, a não ser em um único episódio anos atrás. A caixa de correio porém, sempre contava com revistas, encomendas e cartas d'além mar. Eleanora pegou sua correspondência e subiu as escadas para o segundo andar onde vivia no menor apartamento do prédio. Cumprimentou uma senhora na escada, mas não permitia maiores intimidades. Exceto por raros momentos de música, sempre em volume discreto, os vizinhos nunca escutaram ruídos e nunca lograram conhecer o interior de seus aposentos.

Algum tempo atrás, quando seus hábitos de nova moradora passaram a despertar comentários e especulações, ela salvou a vida de uma moradora do andar. Uma senhora de 84 anos sofrera um ataque cardíaco. Eleanora socorreu-a e, para chamar ajuda, usou pela única vez o telefone oferecido. Depois a acolheu por alguns dias em casa e deu-lhe um remédio tão eficaz que garantiu, para surpresa dos médicos, mais quatro anos de vida a Clara e muita disposição. Durante esses anos, Eleanora contou com uma sólida, mas pouco intrusiva, amizade. Após a morte de Clara, uma morte suave durante o sono, o único herdeiro dos poucos bens não apareceu e o apartamento foi alugado pelo testamenteiro para imigrantes jamaicanos. Eleanora voltou à sua vida

silenciosa no prédio, sem despertar atenção dos vizinhos, preocupados agora com festas movidas a “reggae” e fumaça.

Mal abriu a porta e entrou, tirou os óculos e soltou os cabelos amarrados em coque, deixando-os descer pelo ombro em cascata. Minutos depois de ligar o aquecedor, vestia um roupão de cetim branco, enfeitado de bordados leves, rendas e fitas. Foi abrindo e lendo a correspondência em uma escrivaninha de jacarandá, enquanto comia cerejas.

Debruçada em folhas de papel, começou a escrever o esboço de um artigo para uma revista brasileira sobre crimes das senhoras de engenho no Brasil do século XVIII. Usaria o pseudônimo Malcolm Brent, pois uma mulher escrevendo sobre outras mulheres poderia desviar a avaliação do artigo para as questões do feminismo ou para um diferencial de sensibilidade entre os gêneros. Ser um homem talvez evitasse a avaliação do texto por estes indicadores. A publicação, traduzida para o português, estava garantida por uma correspondente do Brasil, diretora de um museu de história natural da região amazônica.

Cansada, recostou-se na poltrona, de frente para um pôster de Beardsley, *Salome*, parcialmente iluminado por um abajur esverdeado. Sorria ao imaginar o efeito do livro que indicara para Daisy. Um romance de D.H. Lawrence caíra como um torpedo no cotidiano banal dela, casada com um homem monocórdio. Em uma outra ocasião, Lawrence funcionara: depois de três anos de casamento, Laura largou o marido ao ler *O Amante de Lady Chatterley*. O que Laura nunca soubera, foi que o recém-chegado jardineiro da Biblioteca, um italiano impulsivo, estava disposto a tudo por ela. Eleanora indicou o livro para ele também — uma tradução para o italiano pouco lida na Biblioteca —, essa leitura foi decisiva para o encontro. Estranhamente, no ano passado, Laura foi assassinada em Nápoles pelo italiano, sem motivos evidentes. Eleanora reparou intensamente que seu controle sobre os fatos era bem frágil.

A vigília na noite encerrou com a releitura na cama de um poema de Elizabeth Browning. “...*But love me for love’s sake...*” No entanto, a insônia alternou-se madrugada adentro com pesadelos de corpos dilacerados. Sonhos que estavam retornando com força surpreendente depois de alguns anos.

Da Escócia, chegara recentemente uma caixa de doações de uma bioquímica relativamente bem sucedida, ex-aluna da Universidade. Após sua morte, parte de seu acervo foi doada para a biblioteca. Eleanora estava presente na abertura da caixa, mesmo cansada de mais uma noite mal dormida. A doação constava basicamente de livros antigos e bem conservados sobre alcalóides e botânica, em vários idiomas.

Antes de enviar os livros para o setor de restauração, a diligente bibliotecária passou a catalogá-lo um a um. Era esse o trabalho que a absorvia em seu gabinete nestas últimas semanas e justificavam o

impulso de levantar cedo após uma noite repleta de sonhos maus. Dentro de uma antiga tese colombiana sobre os efeitos do curare, encontrou uma carta endereçada à doadora das obras, datada dos anos cinqüenta. Guardou-a em uma gaveta e continuou o trabalho por toda manhã.

Os livros eram seres especiais, além de palavras e páginas, antigas edições carregavam lembranças. Conforme passavam de mão em mão, recebiam contribuições das mais diversas, além de notas nas páginas registrando a leitura. Folhas e flores secas, fotos de plantas e desenhos a lápis caíam das páginas destes livros. Eleanora procurava descobrir, ou inventar, as relações entre estes objetos e o texto em que deixavam marcas.

No salão de leitura, as poucas pessoas pareciam estar ali mais para escapar da tarde garoenta e do frio. Eleanora se esquecera de almoçar, entusiasmada com as publicações doadas, e agora se sentia fraca e sonolenta no amplo espaço quase vazio. Um senhor muito idoso continuou estudando até tarde. Lia, tomava notas em um caderno espiral de capa preta. Pela lista dos pedidos, ainda no período da manhã, ele estaria lendo relatos de experiências de êxtase e morte, no entanto não pedira nenhuma ajuda a ela. Quase no momento de fechar, quando os outros se foram, ele se aproximou lentamente, auxiliado por uma bengala, a cabeça coberta por um gorro preto que cobria as orelhas.

— “Poderia deixar estes livros separados, Elizabeth? Talvez eu precise deles amanhã”. —

Eleanora sentiu-se endurecer, sem respirar, as batidas do coração ficaram suspensas como se aguardassem ordens para continuar. Aqueles vivos olhos cor de violeta, incisivos, por um instante... brilharam. Não, não havia nada familiar naquele velho. A taquicardia que se seguiu lhe deu força para encará-lo:

— “Perdão senhor, meu nome é Eleanora.” —

Um engano, uma coincidência nesta troca de nomes. Mas ele pareceu não escutá-la, nem se retratou. Continuou tratando-a com a mesma despreocupada intimidade.

— “Na verdade é outro livro que estou precisando, Elizabeth. Vim para esta cidade, pois sei que está aqui. A bibliotecária da manhã não o encontrou na estante.” —

Eleanora continuou imóvel, sentia calor. Não conseguia, ou não queria reconhecê-lo? Era como ser atacada por um golpe invisível. Não cederia. Continuaria firmemente a ser Eleanora.

— “Qual livro? Tem certeza que está nesta biblioteca?” —

— “Ah! Sim. Encontrei a referência em um artigo de Malcolm Brent. Ele parece ter passado por essa biblioteca. Conhece Malcolm? Deve conhecê-lo sim. Estranho este Malcolm, nem a revista tinha informações

sobre ele. Ah! Falo demais... Meus 97 anos me permitem, afinal posso parar de repente, não é?” —

Ela sentou-se quase se jogando na cadeira, pálida e trêmula, nem pôde segurar o lápis. Ele parecia se divertir com isso, pois sorria.

— “Talvez esteja na restauração. Qual é o título?” —

— “*O êxtase da morte em Deus*, do monge alemão...Ernuk.. Ermunk...século XII. Quer que eu escreva o nome para você?” — ao perceber as mãos trêmulas dela.

Eleanora desistiu de segurar o lápis e imobilizou as mãos.

— “Eu sei qual é o livro. Amanhã estará aqui às 16 horas. Com licença. Preciso fechar, o vigia espera que eu lhe entregue a chave.” —

— “Preciso levar este livro para meu hotel para lê-lo em paz, talvez seja meu último livro. Estou no *Black Wolf*, quarto 8. Chame por Bill.” —

— “Desculpe-me, mas é contra o regulamento!” —

Ao enunciar o regulamento sentiu-se mais segura. Levantou-se.

— “Ora, Elizabeth, você me surpreende. Eu preciso daquele livro, tenho pouco tempo.” —

— “Meu nome é Eleanora.” —

— “Eleanora, Malcolm, E-li-za-beth, quem mais, Elizabeth?” — sorriu sem cinismo, mantendo a intimidade de um reconhecimento sem surpresa, e prosseguiu — “Estou quase morto. Foi muito difícil para mim chegar até aqui.”

— “Preciso arrumar ainda estes livros e ir embora. Amanhã à tarde você terá o livro. Bill, quarto 8.” —

— “Esta é Elizabeth! Não desmorona nunca. Gostaria de ter te encontrado antes... Tolice de velho. Um grande favor já recebi de você. E já retribuí.” —

Eleanora surpreendeu-se, sem demonstrar. Ele ainda era um desconhecido, mas uma suspeita terrível se confirmou quando Bill sussurrou com uma voz aguda:

— “Não se culpe. Henri Lewis, ele era um rato, um verdadeiro rato.” —

— “Desconheço tal assunto, meu senhor. Por favor, precisa ir embora.” —

— “Eu sou velho e lento... demoro para me locomover... Vou indo. Nosso segredo está guardado. Eu preciso deste livro do monge, amanhã... Volte a soltar seu cabelo Elizabeth, pise nestes óculos de tartaruga! Eu queria por algumas horas ser cinqüenta anos mais jovem... e morrer por teu veneno... Elizabeth Morgan...” — e foi se afastando lentamente, arrastando a perna direita como um demônio, sem olhar para trás.

Eleanora esperou como uma figura de bronze impassível em uma tempestade, mas capaz de cair por inteiro no chão ou voar dura pelos ares sem se dobrar. A respiração suspensa até não escutar mais aqueles passos assimétricos. A seguir, remexeu aflita e trêmula as listas de

consulentes do dia. Bill... William. William Lewis! Lewis!! Um parente de Henry? Henry, o rato. Veneno de rato? Ele saberia? Ele sabe, Elizabeth. Ele sabe.

Eleanora apagou as luzes, saiu para o corredor, do lado oposto da entrada. Não havia vigia algum na verdade. Apenas o zelador fechava a porta principal ao sair o último leitor. Ela, por sua vez, tinha uma portinhola própria nos fundos da Biblioteca, pois passava muitas horas no seu gabinete. Passou pelo banheiro, lavou o rosto e olhou-se fixamente no espelho procurando traços que poderiam tê-la denunciado. Abriu uma porta quase no fim do corredor e desceu uma escada em espiral de madeira seca. Outro corredor, lúgubres lâmpadas iam sendo acesas mostrando o caminho. Uma porta de ferro. Destrancou-a lentamente. O rangido metálico ecoou no solitário porão.

Um aposento hexagonal, sem janelas, era o secreto gabinete de trabalho, especialmente reformado segundo seu desenho, similar à sala que tinha em Dover. Cercada de arquivos de aço e estantes com pastas e livros, uma mesa redonda ao centro iluminou-se por lâmpadas fluorescentes. Gravuras de uma série sobre os flagelos da peste hasteavam-se espalhadas pelas seis paredes.

Na pretensa paz das salas de leitura das bibliotecas os livros sujeitavam-se a vandalismo e maldades por parte de estudantes e usuários descuidados. Era mais seguro ficarem sob a guarda de quem os amasse. Eleanora ali mantinha seus livros favoritos, cuidava deles, conversava com eles, mantinha fichas especiais sobre cada um, incluindo dados sobre as condições de conservação e cuidados necessários.

Inúmeras pastas organizadas com recortes de jornal, cartas, fotos e documentos diversos. Todos os crimes mais infames cuidadosamente catalogados. Escondida atrás de uma das gravuras sobre a peste, estava a prateleira de livros e gravuras sobre arte erótica oriental. Compêndios fartamente ilustrados de medicina legal agrupavam-se em outra estante. Outra continha relatos e interpretações sobre rituais fúnebres do mundo inteiro.

Desapercebida, neste hexágono estava sua Biblioteca.

Naquela noite, Eleanora não conseguira dormir. Chegara tarde em seu apartamento e ainda tentou relaxar com um chá quente de ervas variadas. Ao se deitar, cochilava e ouvia gritos abafados em seus pesadelos. Abria os olhos de repente. Sentia-se caindo. Custava a reconhecer a cama, as cortinas, as paredes. Abria os olhos de repente. Apenas um tom sépia em graus diversos delineava as sombras dos objetos. Abria os olhos de repente. A horrível face contorcida de Henry Lewis morto, os olhos apavorados olhando para nada, as mãos retorcidas sobre o umbigo. O corpo rígido derrubado sobre uma estante caída, os livros espalhados pela sala hexagonal. Os olhos esbugalhados

e cegos. Pareciam encará-la do teto. Alguém gritou lá fora, na rua. Abriu os olhos de repente, sentou-se na cama, a boca seca, procurou por um copo de água.

Sombras no teto. O prazer de tê-lo feito beber o veneno, o veneno de rato, após um sedativo leve. O prazer de trancá-lo na sua sala especial da biblioteca por toda uma noite e se regozijar da agonia lenta, das dores. Uma coruja bateu na janela. Um velho erguia sua bengala, os olhos vermelhos luminosos, quebrava-lhe o braço, a clavícula, as costelas. Era o velho Bill? ou o cadáver de Henry? Eleanora levantou-se para tentar se manter acordada e lúcida, abriu a janela para sentir o frio úmido da madrugada nevoenta. O corpo doía. Os fatos fugiam do seu controle. Qual a ligação entre William e Henry? Por que viera atrás dela?

O relógio do corredor marcava 17 horas quando Eleanora entrou apressada, quase correndo, carregando um embrulho, para ocupar seu posto. Passara mais tempo do que deveria em seu gabinete de trabalho relendo velhos recortes de jornal. Inutilmente. O nome William não estava neles. Ainda cochilara um pouco sobre a mesa, fazendo-a perder a hora.

A auxiliar assustada com a expressão esgazeada de Eleanora e seu atraso inédito, tentou conversar amenidades, não conseguiu.

— "Dona Eleanora, eu posso ficar até as oito. Não quer ir descansar?"—

— "Não estou cansada!" — a resposta fora dada em um tom duro demais e assustou. Após um breve silêncio, mudou o timbre da voz — "Desculpe-me... Você tem razão. Se você puder ficar eu agradeço. Por acaso apareceu alguém procurando algo interessante hoje? E aquele senhor de ontem, passou por aqui?" —

— "O senhor William? Hoje não veio." — para tentar manter algum assunto, completou seu relatório — "De interessante, veio há pouco um homem pedindo livros sobre a língua de uma tribo africana. Mandei-o para o departamento de lingüística e estudos afro-asiáticos, fiz bem?" — de repente apontou para uma mesa — "Olhe! Ele esqueceu o chapéu na mesa. Com esse frio! Ele usa roupas engraçadas." —

Eleanora dirigiu-se como um autômato para a mesa. Naquele objeto, largado ali, havia algo conhecido. A textura, definida por um feltro de pelos e certa aspereza no toque. Um chapéu de viajantes aventureiros, era um simples souvenir pitoresco de turistas de safári pela África. De súbito, a lembrança, a intensa e dolorida lembrança. Letras discretamente bordadas na parte côncava... AFG. Coincidências? A lembrança retornara ou sempre estivera ali, espreitando o momento para um retorno em triunfo?

Pálida e desorientada, segurou o chapéu sem se mover por alguns instantes.

— “Dona Eleanora, eu cuidarei de tudo aqui, hoje e amanhã eu e as meninas dividiremos os turnos.” —

Havia um certo rumor juvenil na biblioteca, vozes mais altas de rapazes tagarelas tiraram a bibliotecária de seu torpor. Mas não teve força de exigir silêncio.

— “Você tem razão, vou faltar amanhã. Quinta-feira estarei de volta. Guarde este chapéu, ele virá buscar logo. Minha sacola?” —

— “Aqui está.” — percebendo o olhar de desaprovação ao grupo de jovens risonhos, a auxiliar explicou: — “São americanos, de um time de basquete universitário. Pesquisam a história do esporte...” —

— “Pesquisam... ou jogam bola aqui dentro? Obrigada Amanda, agradeça as meninas por mim. Ah! E tentem manter silêncio aqui!” — saiu apressada, uma idéia marota, tantos rapazes novos ofuscariam o dono deste chapéu. Uma idéia tola. Um chapéu poderia ter vários donos, não aquele dono.

Eleanora tomou o rumo da pensão *Black Wolf*. Entregou na portaria o pacote para Bill, quarto 8 e seguiu para casa. Na rua, percebeu um vulto de homem vindo em sua direção. Jogava um chapéu para o alto, aquele chapéu esquecido e o pegava de volta, cantarolando. Conhecia estes gestos, o andar despreocupado e fanfarrão. Escondeu-se em uma entrada de edifício e o viu passar, iluminado de relance pela lâmpada da rua. Era ele! AFG! Antony! Tony, o gabola.

Durante todo dia de folga dormiu sob efeitos de comprimidos, sono sem sonhos. Acordou apenas quando resolveu tomar um banho frio. A pele branca já não escondia tão bem os sinais da passagem do tempo. Antes de trabalhar decidiu colocar em ordem a casa e a correspondência. Na caixa do correio estava um pacote com seu nome Eleanora, entre bem desenhadas aspas. O livro? Abriu-o em sua escrivaninha, havia uma trouxinha de couro encardida, o livro do século XII e dentro, um envelope com um bilhete e recortes de jornal muito gastos.

“Elizabeth, agradeço pelo livro e por tudo mais. Os recortes de jornal te farão entender minha gratidão. Não tenho ninguém a quem devo minha alegria, exceto você. De valor, só me restou esta pequena pedra, é tua. Adeus. Aproveite a vida. Nos encontraremos em sonhos não em pesadelos. William Lewis. LY”

Ly? Então ele era Ly? O avô paterno de Henry, identificado pela imprensa apenas como Ly, ex-convicto, cumpriu pena por tentativa de assassinato do neto, quando este era um adolescente, e do padrasto deste. O arquivamento do processo que envolvia Elizabeth como acusada pela morte de Henry em Dover, decorreu do veemente

depoimento de Ly sobre as tendências suicidas do neto, corroborando a alegação da bibliotecária. Ela nunca chegou a conhecê-lo, mas muitas vezes sentia a presença de alguém que a seguia em alguns momentos.

Os recortes estavam organizados em uma seqüência, o primeiro era de um jornal de uma cidadezinha em Gales, Bangor. Noticiava que um adolescente estuprara e matara sua irmã mais nova com crueldade em um iate da família estacionado em um píer e fora flagrado por marinheiros quando fugia com a faca e ainda tinha sangue nas roupas. Na margem do texto, ao lado da palavra adolescente grifada, estava escrito à mão, *Henry Lewis*. O recorte seguinte, do mesmo jornal, datado de uma semana depois, assinalava que o adolescente fora testemunha do assassinato e acusara os marinheiros. A mãe dos adolescentes suicidara-se dias depois do crime. O avô paterno ameaçou o padrasto e tentou matar o neto com arma de fogo, ferindo-o gravemente, — “A cicatriz no peito de Henry! Uma bala!” — por não acreditar na inocência dele.

Outro recorte, de um jornal regional de Gales, datado um mês depois, noticiava que o assassinato ainda não fora solucionado, mas o adolescente não fora mais citado como suspeito, mas sim como vítima de um avô vingativo e enlouquecido que pegou uma longa pena de prisão apesar da idade. Uma foto apagada de William saindo do tribunal com a legenda. *“Minha neta será vingada”*.

Escrito a mão com uma letra miúda para caber em um papelzinho colado no jornal:

“O padrasto abafou o caso na época, carreira política. Quando Henry morreu, ele apoiou também a hipótese de suicídio, evitar escândalo. Eu poderia ter reaberto o caso da minha neta, mas... Afinal, Henry morreu como eu gostaria que ele morresse. Daí procurei comprovar as tendências suicidas, até justifiquei dizendo que fora conseqüência de eu ter tentado matá-lo... Conseguimos.”

Ly! William! Dentro da trouxinha brilhou um pingente com uma pedra vermelha lapidada, um rubi? Pagamento pelo *favor*?

Eleanora vomitava no banheiro com vertigens sentou-se no chão frio até conseguir se levantar, lavar o rosto e reconhecer uma face perplexa no espelho. Julgava-se tão artilosa... E agora os fatos se mostraram totalmente fora de seu controle e astúcia. Ter cometido um crime como favor a alguém lhe pareceu mais vergonhoso do que ter este crime descoberto. Henry era na realidade um assassino psicótico, alvo da vingança de um velho, seu próprio avô! A facilidade com que a defesa admitiu o suicídio não era creditada à sua capacidade de manipular as evidências, mas a interesses políticos alheios. A sugestão da tia de Henry para ela mudar de cidade, de nome inclusive não era para protegê-la da exposição pública decorrente de um caso atribulado, mas

para abafar um escândalo escondido há alguns anos. “*Conseguimos.*” Nós, quem?

Henry freqüentava a Biblioteca de Dover para cortejar a correta e amargurada bibliotecária. Uma mulher desajeitada, magra, sem outros atrativos, além de uma fama de ser virgem, esta poderia ser uma conquista divertida para o arrogante dono de uma loja de iates e produtos náuticos, enteado de um parlamentar. A intensa aventura vivida por ela tinha se iniciado com uma convencional curra no quatinho de despejo da biblioteca, interpretada como desejo e paixão. Não, ela não era virgem. Encontros violentos e humilhantes se seguiram madrugadas adentro, em pensões perto do porto e em barcos. Ele adorava amarrá-la numa porta e atirar facas. Elizabeth mal escondia os hematomas e cortes para os quais esgotara explicações mentirosas no ambiente de trabalho. Os detalhes do caso estavam ficando públicos, pois Henry andava contando o que faziam e inventando outras.

Uma tarde, Henry se atrasara e ela foi para a loja para encontrá-lo. A porta estava destrancada e ela entrou em silêncio. Lá estava Henry acariciando a filha do dono da peixaria em cima de um barco inflável e contando piadas de marinheiros. Era uma colegial tola, inebriada pela atração que exercia nos meninos da escola. Incapaz de entender um livro!

— “Henry!” —

A menina gritou ao vê-la pois a conhecia e tentou escapar. Ela a agarrou pelo cabelo e mostrou-a para Elizabeth. A menina debatia-se e choramingava.

— “Vocês se conhecem? Ela não é uma belezinha, Elizabeth?” —

— “Ela vai contar para meu pai. Ela vai contar.” —

— “Vai embora! Ela não vai contar não, eu prometo.” — deixou-a correr para fora ainda se recompondo e encarou Elizabeth com firmeza . Henry mereceu morrer.

Antes de retornar para a Biblioteca, Eleanora decidiu passar na pensão e procurar William. Não podia aceitar aquela pedra, não tinha nenhuma razão de ficar com ela. Não queria se sentir recompensada. Não queria dividir seu crime com ninguém. Na entrada da pensão havia certo alvoroço.

— “William? Bem, é que... ele faleceu esta manhã... Quarto 8, não é?...” —

— “O corpo acabou de seguir para a funerária e depois...” —

— “O seguro pagará o traslado para Dover.” —

— “Ele parecia feliz e tranquilo quando abrimos a porta. Uma morte abençoada.” —

— “Não! não tinha bagagem, nem livros, apenas uma sacola com roupas velhas, ... segurava um caderno de capa preta.” —

— “Uma morte abençoada.”—

Eleanora sentou-se em um banco na entrada da pensão de desandou a chorar com soluços sem poder se controlar. Há quanto anos não chorava sem controle em público? Talvez fosse a primeira vez.

Dedos quentes e ágeis acariciaram sua nuca. Outros tiraram seus óculos. Uma caixa de lenços de papel surgiu e Eleanora automaticamente pegou alguns, limpou o nariz e os olhos embaçados. Assim distinguiu o vulto perturbador de Antony, que acabara de soltar sua nuca e terminou de limpar os óculos, devolvendo-os. Outras pessoas a rodeavam. Antony a encarou com seu ar inconstante:

— “Não nos conhecemos?”—

— “Certamente não. Mas obrigada. Preciso ir. Obrigada a todos.”— Levantou-se decidida, tinha que se manter firme, e seguiu, sem virar para trás.

Desta vez subiu as escadas às 15:57. Os passos firmes ecoaram no corredor. Esqueceu Henry, William, a Biblioteca de Dover. Outro espectro voltara. E detestavelmente vivo! Como ele poderia reconhecê-la depois de vinte anos? Ela mudara muito.

Felizmente a Biblioteca estava cheia. Os esforços da estagiária não foram suficientes para contentar os pesquisadores de livros raros. Um estudante de literatura precisava escrever um conto sobre um assassinato sórdido, mas seu aspecto era tão gentil que ela apenas se esmerou em descrições de crimes passionais e indicou textos sobre o assunto. Uma consulente precisava de jornais universitários dos anos 1920 para descobrir se o pai fora realmente campeão de corridas universitárias. Guy pesquisava seus animais. Daisy queria outro “daquele tipo de livro” e Eleanora a colocou sentada próxima ao estudante dos crimes para esperar pelas indicações. Henry Miller talvez.

O maior desafio foi de um sinólogo da Universidade que aparecia regularmente por lá. Desta vez ele queria documentos que um diplomata havia recolhido em plena segunda Guerra do Ópio, contendo depoimentos de viciados. Eleanora, por não saber chinês e ainda estar um pouco distraída, trouxe por engano, opúsculos eróticos chineses. Deram muitas risadas, para espanto dos outros consulentes acostumados com a obsessão da bibliotecária com o silêncio e outros regulamentos. O sinólogo agradeceu o erro e pensou até em mudar o tema de sua monografia ou a tratar também deste outro assunto. Os documentos eram praticamente inéditos, uma raridade.

Eleanora voltara a se sentir bem. Este bem-estar durou até minutos antes de fechar, quando Antony chegou cantarolando.

— “Ora! Então é você Eleanora, a bibliotecária mágica? Agora nos conhecemos, Antony a seu dispor.” — Debruçou-se no balcão apoiando-se nos cotovelos e segurou o rosto com as duas mãos sem tirar os olhos dela. — “Foi por Willy que você chorou, não foi? Grande cara! Eu o

conheci anteontem também. Ele fez amigos até horas antes de morrer. Grande cara!” —

— “Vamos fechar em dez minutos, aconselho você voltar amanhã cedo.” — interrompeu lacônica sem levantar os olhos.

— “Faltam quinze minutos para fechar... Quero este livro aqui.” —

— “O rapaz encarregado de pegar os livros no acervo acabou de ir embora.” —

— “Problema é seu. Eu espero.” —

Guy se aproximou devolvendo seus livros, eufórico com sua descoberta:

— “Eu sonhei com um antílope negro, era um antílope negro, ele aparecia, corria e ... esqueci o resto do sonho, mas...” —

— “Você sonhou, mas eu já vi antílopes negros correndo livres na savana.” — intrometeu-se Antony, ignorando-a. Ambos se afastaram em direção à mesa onde estava o chapéu, Guy brincou com ele, pôs na cabeça, tirou, riram muito. Nem ouviram o “*psiu*” de Eleanora.

Os últimos consulentes saíram e ela chamou Guy para irem embora.

— “E meu livro, Sra. Eficiência?” —

— “Estamos fechando, por favor!” —

— “Tenho certeza que nos conhecemos” — olhou-a de um modo tão familiar que não fosse pelo ódio crescente ela se entregaria por algum descuido. — “Bem, já vou embora. Sinto-me enxotado desta biblioteca. Até logo Guy.” —

16:00. As risadas podiam ser escutadas no corredor. Eleanora apressou o passo e na sala de leitura lá estava Antony sentado na mesa, rodeado de consulentes, narrando suas aventuras na África. Seu trabalho era elaborar roteiros turísticos em locais inusitados do continente. Guy representava algum papel na história, pois estava de braços levantados e língua de fora. Amanda estava com o chapéu na cabeça.

— “Aqui é um salão de leituras e não palco para piadas e palhaços!” — quase gritou, enfurecida.

Todos emudeceram e voltaram para seus lugares, jamais ela havia levantado a voz desta maneira. Antony desceu da mesa e pediu desculpas:

— “Ops! A Senhora Regulamentos chegou. Perdão Senhora.” — alguns riram. — “Continuo outro dia, pessoal.” —

Amanda arrumou suas papalada rapidamente para sair, mas não escapou de uma ameaça de Eleanora. Seria denunciada por esta irregularidade, fato desabonador para a ficha do seu estágio, especialmente se estiver em jogo uma futura contratação. Antony

escutou parte das insinuações, percebeu a retaliação e esperou a saída da estudante.

— “Elizabeth! Não ouse se vingar nos outros. Não ouse prejudicar Amanda!” —

— “Eu não sou...” —

— “Ah! Sim, Ele-a-nô-ra.” — de repente aumentou o tom de voz: — “Onde estão os livros sobre os hutus que pedi há três dias? Biblioteca de lerdos!” — sorriu com escárnio e sentou-se na mesa dando continuidade a suas anotações em silêncio. Ele a acusou de ser incompetente, na frente de todos!

Amanda! Ele chamara a estagiária pelo primeiro nome, Amanda. Ele a defendia! Algo ocorreu nestes dias. Decidiu escrever um longo relatório sobre a auxiliar, não seria intimidada.

Nos dias que se seguiram, o silêncio na biblioteca era enorme. Poucos a consultavam porém. Ela percebia que nos minutos anteriores à sua chegada, todos deveriam estar rindo e conversando ao redor de Antony. Amanda mal a olhava, retirava-se depressa, não sem antes se despedir dele sorridente. O relatório deveria já ter sido lido pelo diretor, talvez fossem os últimos dias daquela incapaz!

O diretor finalmente chamou Eleanora para uma reunião em uma manhã. Amanda não poderia ser demitida. Os consulentes estavam gostando muito dela e até encaminharam um abaixo-assinado tão logo os rumores sobre a demissão surgiram. O primeiro nome da lista: Antony F. Gallagher!

Eleanora empalideceu. Antony tentava destruí-la! Amanda, com prestígio. Amanda, que não distinguia francês do italiano, que entregara *A Divina Comédia* ao consulente que pedira *O Paraíso Perdido*, que derrubara mostarda de um sanduíche sobre uma edição original de gravuras de Rugendas. Essa Amanda contava com todo apoio!

— “Estamos estudando a possibilidade de contratá-la, o estágio está no fim. Procure reconsiderar seu relatório e orientá-la. Ela ainda está subordinada às suas ordens. Você sempre a teve em alta estima. Agora estes deslizos, pequenos deslizos, deve ser alguma má fase que ela está passando. Bem, você também anda muito cansada. Considere a possibilidade de tirar férias ou alguns dias para descansar.” —

Não se lembrou como saiu da sala da Diretoria, nem se comentou algo. O “ainda se subordina a você”, este “ainda” do comunicado do Diretor ecoava em sua memória. Refugiada em seu hexágono, soluçava, puxava os cabelos. Perdera o pouco que tinha. Prestígio. Perdera-se Eleanora.

Antony era o culpado. Antony era culpado do mau encontro com Henry. Antony era culpado por seu ódio. Antony... Vinte anos atrás, em

seu tempo de tola e solitária estudante de biblioteconomia, deixou-se apaixonar por ele. Antony, exuberante e expansivo. Ele não conseguia se fixar em nenhum emprego, nem tinha certeza de qual atividade tiraria seu sustento. Arrastava Elizabeth para fora da poeira dos livros e documentos e a fazia se divertir na beira do mar sob o sol. Sua facilidade em aprender línguas repentinamente lhe garantiu um trabalho. Ele assim partiu para a África, sem se despedir, deixando-lhe um bilhete e um endereço em Zanzibar para ela ir ao encontro dele, pois lá teria uma “surpresa”. Ela não teve coragem para segui-lo.

Ao se dar conta que ele se fora, Elizabeth teve uma crise nervosa, uma depressão tratada com remédios fortes. Descobriu estar grávida. Talvez os remédios, a saúde debilitada ou a ação de uma enfermeira descuidada, ou todos estes fatores a fizeram abortar. O feto morto de quatro meses acabou conservado em vidro na escola de enfermagem. Elizabeth descobriu-o e ia com freqüência contemplá-lo em silêncio. Era um menino e tinha um rosto enrugado com um esgar de dor conservado em formol. Até que um estudante estabonado derrubou o vidro acidentalmente, o feto arreventou-se e foi incinerado.

Nunca escreveu para Antony. E rasgou sem ler uma carta dele da Tanzânia que chegara na Universidade destinada a ela com “urgência”. Não queria mais nada dele, considerou-o morto também.

Agora ele voltou para destruí-la. Ele ficava lá em sua biblioteca, conversando e conquistando todos os consulentes. Humilhando-a. Até a tarefa de acompanhar Guy em casa com a permissão da mãe ele conseguira. O que o fazia tão querido? O que fez para que todos a ignorassem?

Retomou o trabalho com a catalogação de obras doadas e raras. Ao mesmo tempo consultou umas anotações aqui e ali e decidiu escrever para a amiga do Brasil que pesquisava plantas medicinais.

Se já o fizera com um, usando um veneno banal comprado em mercado, porque não o faria outra vez com quem fôra a efetiva e primeira causa de sua infelicidade? Por que não usar um veneno mais potente em infligir sofrimentos atrozes até a morte?

Lia e relia a descrição das agonias proporcionadas por um veneno de origem vegetal catalogado na Amazônia, uma espécie rara. A paralisia lenta dos nervos. O horror da morte em sua face monstruosa: dores e rigidez cadavérica ainda em vida. Fechava os olhos e visualizava Antony endurecendo e perdendo sua alegria. A cabeça em uma cuba de formol imobilizada em um momento de dor. *I will kiss your mouth, Antony. I will kiss your mouth.* Repetia a frase de Salomé.

Na manhã seguinte, após outra noite insone, finalmente tocou a campainha da vizinha e pediu para usar o telefone. A vizinha, radiante, com a novidade, ofereceu biscoitos, chá. Eleanora aceitou por educação e por cansaço. Telefonou para o diretor pedindo para ser dispensada por

alguns dias do atendimento ao público. Queria adiantar a catalogação e ler algumas coisas sem compromisso, como um descanso. Ele achou a idéia muito adequada e deu-lhe uma semana sem obrigações e sem desconto no salário. Seria como uma compensação parcial pelo trabalho extra que ela sempre fazia sem pedir nada.

Na hora do almoço entrou no café de sempre. No entanto solicitou o cardápio e escolheu um prato diferente. Não tinha a pressa dos outros dias. A mãe de Guy a recebeu e conversaram um pouco sobre os progressos do garoto na escola.

— “Olhe quem esteve em meu restaurante e tirou fotos!” —

Na primeira página do jornal local daquele dia. “*O viajante que encantou Arrowmaze*” estava estampada a foto de Antony na porta do café e com Guy ao lado usando o chapéu. “Antony, de antiga família da cidade, volta para receber a herança de sua tia-avó, a falecida Clara Maze e aproveita para completar informações para elaborar seus guias de viagens na famosa Biblioteca local.” Anunciava uma conferência ilustrada com vídeos e slides, a ser realizada no anfiteatro da Biblioteca, “na qual ele contaria a todos suas emocionantes viagens”.

O desaparecido herdeiro de Clara! O dono do apartamento próximo ao seu era Antony. Ele não deveria ter se casado, pois senão apareceria também alguma “herdeira” com ele.

Depois de almoçar, foi para a salinha da Internet, seria melhor evitar usar a máquina da Biblioteca. Raramente se comunicava assim, gostava da lentidão das cartas, mas sua aflição para se vingar exigia velocidade. Escreveu para a amiga do museu amazônico, para o endereço eletrônico pessoal e não o da instituição, solicitando um xarope da planta especificada, misturado com uma dose de calcário para potencializar o efeito. Pagaria o que fosse necessário para isto tudo chegar em suas mãos em poucos dias; era só dizer quanto, que depositaria o valor na conta fornecida. Tratava-se de uma experiência importante. O assunto do e-mail: URGÊNCIA.

O momento estava chegando. Sempre odiara a vida intensa de Antony, invejava sua inseqüência, a capacidade de conquistar a todos com histórias. Histórias inventadas. Mesmo quando ele a cobria de atenções há vinte anos atrás, sentia que não podia acompanhar o ritmo. Detestava este ritmo. Agora, anos depois, ele a reconhecera sim, mas não insistia, imaginando que ela imploraria para ser lembrada.

Eleanora queria congelá-lo para sempre como um feto morto. Só ela sabia o quanto ele era desprezível. Henry não, todos sabiam que Henry era um crápula, quem o conhecia desejava que alguém o matasse. O gesto de eliminá-lo foi gesto de muitos. Quanto a Antony, só ela detinha o segredo de seu caráter. Excesso de vida, enquanto outros se arrastavam na escuridão, ele era abundância de luz.

A ausência de Eleanora no salão de leitura devido à licença agora era pouco notada. A presença freqüente de Antony distraía os usuários e fora até estipulado um horário para ele contar suas aventuras e não perturbar quem precisasse trabalhar. A conferência anunciada impediu que curiosos ficassem entrando na Biblioteca só para conhecer “quem conquistou a cidade”. O evento foi um sucesso.

Uma semana depois, Eleanora passou pelo corredor as 15:50. Sorria. A garrafa com o líquido oleoso chegara. Já estava guardada em seu gabinete hexagonal, preparada para o grande dia, ou melhor, para a grande noite. Faltava caçar a presa. Ao entrar na sala, havia um rumor de conversas, o assunto era a conferência. Eleanora ignorou a falta de silêncio. Cumprimentou cordialmente Amanda, sem dizer mais nada e passou a abrir a correspondência. Antony não estava. No entanto, ela sabia dele, os jamaicanos renovaram o contrato do aluguel e ainda receberam uma verba para pequenas reformas. Nesta tarde, ele provavelmente estava lá no apartamento, sugerindo obras e fazendo orçamento. Pretendia ir embora semana que vem. O tempo se esgotava.

No dia seguinte, Eleanora estava tão entretida em pesquisar um assunto qualquer que nem percebeu que Antony estava em sua frente, esperando a pilha de seus livros.

— “Elizabeth... desculpe-me, Eleanora! Conheci o prédio onde mora. Então foi você que acudiu a tia Clara?” —

— “Podemos conversar sobre isso, e talvez sobre...Elizabeth.” — encarou-o sem muita expressão. Ele tinha belos olhos.

— “Sério? Quando?” —

— “Pode ser hoje? Amanhã é um feriado local, teremos tempo.” —

— “Sim. Sim. Vamos para o meu hotel ou para seu apartamento? Ou prefere ir ao café?” — a expressão dele era de imensa surpresa.

— “Tenho um gabinete confortável aqui mesmo na Biblioteca. Quando eu encerrar, podemos ir para lá.” —

Antony andava em círculos dentro da sala hexagonal, observava as estantes. As gravuras de crimes, enforcamentos, livros sobre torturas, Inquisição. Mutilação e desespero. Pouca leveza na biblioteca de Eleanora... Elizabeth.

— “Simpáticas estas ilustrações! Não conhecia esta tua faceta tão alegre. E agora, recuperou a memória, Elizabeth?” —

— “Sente-se ali. Antony. Tony... Me acompanha em um cálice de Porto?” — passou para ele um cálice com o vinho e um pó discretamente diluído para dar um leve entorpecimento e evitar que recusasse ou fugisse ao sentir o veneno que viria a seguir.

— “Eu te reconheci logo... Onde você vai se sentar? Neste banquinho? E eu aqui nesta poltrona como um rei. Tira estas luvas... se quiser tirar algo mais...Brincadeira. Então... eu te reconheci. Sei que nos afastamos de um modo meio bobo. Uma tolice. Há tanto tempo. Nunca

“você me escreveu! Depois me disseram que você abortou... e nem me avisou. Fiquei furioso por não ter sido avisado! Eu te escrevi muitas vezes! Mas de fato faz muito tempo. Este local me dá sono... Está frio, vou me enrolar neste cobertor... Está frio mesmo. Podemos sair e ir ao café?” —

— “Foi aborto natural... Tome este cálice, é uma bebida com cafeína para reanimar...” — ele já estava entorpecido e automaticamente pegou o copo e sorveu tudo.

— “Amargo! Estou cansado... vamos para o café... Você não viajou para onde eu estava, fiquei te esperando. Faz muito tempo. Estou cansado...Enjoado. Tem um rato aqui? Escuto um guincho? Meu estômago... cafeína me faz mal.” Tossiu e gemeu, virando a cabeça de um lado para outro emitindo sons de uma cantiga. Seriam esses os sintomas iniciais de uma agonia de um dia inteiro?

— “Adeus Antony...” — desceu mais a cabeceira da poltrona para deitá-lo. Pensariam em suicídio ao encontrá-lo morto? O que isso importava agora? Carregou os frascos e os cálices, apagou as luzes, fechou a porta. Acabou finalmente. O passado se fora.

Elizabeth sentia o frio da noite garoenta, Parecia flutuar no caminho para casa. Naquela noite vestiu sua camisola mais enfeitada. Escovou os longos cabelos na frente do espelho. Pendurou o pingente de rubi no pescoço com uma fitinha de cetim amarelo.

A felicidade, por alguns minutos conhecia a felicidade. Dormiu pesado, sem sonhos.

Antony arrastava-se no escuro, como em uma lama espessa. Pareceu ouvir vozes, havia um rumor. Enrolou-se na manta. Bateu a cabeça em aço rígido. Não conseguiu se levantar pois o corpo estava endurecido.

Uma espiral brilhante rodopiou em sua frente e desapareceu. Uma brasa queimou no estômago. Uma chama azulada saiu de seu umbigo. Ensaçou um grito, mas saiu fogo por sua boca. Arrastou-se como um lagarto até se enroscar em uma árvore e se transformou em um cipó. Uma geodésica dourada girava lentamente e desapareceu, deixando a escuridão densa como uma placa de vidro.

A voz ecoava:

“Amanhã está o ontem-hoje. O espelho do tempo tem dois lados. Sinta o vento de poeira.”

Elizabeth com lábios vermelhos de sangue, segurava uma lanterna no alto de uma rocha. Os cabelos levados em espiral pelo vento. A jornada. O caminho a percorrer estendia-se por cima de um abismo. Era preciso resistir à tentação da noite das ravinas escuras, do repouso absoluto, da umidade da terra materna.

“Não olhe para o escuro. Siga a luz.”

A luz vermelha da chama de uma lanterna. O pântano. Era um pântano. Antony estava em um pântano. Galhos seguravam os braços, as pernas, espinhos mordiam a pele. Lama, lama, até a boca, lama. Faces horríveis de cadáveres mal decompostos, lisos crânios e ossos com restos de carne emergiam do limo. O cheiro. O cadáver de um rato gigantesco boiava ao seu lado. Aos pouco o lodo foi se liquefazendo, uma correnteza de água oleosa o transportou para escuros horizontes.

“Siga a luz!”

A fraca lanterna pendurava-se no alto de uma árvore frondosa e morta. Elizabeth na árvore, os olhos vermelhos. Olhos enormes, as pupilas vermelhas riscadas por uma linha vertical. Olhos de cobra. Cobra enrolada na árvore. Antony esticou a mão para a luz. A correnteza daquele rio obscuro dobrou-se em um redemoinho e puxou-o para o fundo. O rabo de um grande rato prendeu seus pés. Era um cipó. Como o rosto mergulhado no fundo daquele rio, engoliu uma pasta fétida sem conseguir respirar. Debateu-se nas trevas de argila.

“Siga a luz. Não olhe para o escuro.”

Foi arrastado por uma corrente de purpurina verde, elevou-se até uma rocha sólida. Uma dor intensa no coração. Um raio amarelo tênue indicava uma estreita passagem terra adentro. Um buraco. Arrastar-se. Arrastar-se. Arrastar-se.

Saiu em um jardim iluminado, folhas verdes brilhantes, orquídeas púrpuras, um córrego de águas claras cantava entre pedrinhas cristalinas, perfumes, perfumes. Um antílope azul espreitava entre os arbustos. Elizabeth, de túnica azul celeste, de pé sobre o animal gritava, enquanto a paisagem se desfazia em um tornado.

“Não há mais tempo. Eles te esperam.”

Um salão hexagonal amarelo, de luz amarela. Antony se percebeu amarrado por seu cobertor em um tronco em cima de galhos arrumados como fogueira. Um ser bípede, cara de rato, vestido de um manto roxo que não escondia seu rabo despelado, andava ao redor:

“Eis a prova de tua culpa!”

Outro rato gigante trouxe um enorme jarro e o quebrou com uma paulada. Dele saíram fetos mortos, seres disformes, mal-formados, sonhos desperdiçados, escarros, mentiras, bÍlis, mesquinharia. Cheiro cáustico de formol.

“A pena é o aniquilamento no lodo!”

Eleanora acordou sobressaltada de seu sono, uma rajada fria entrou pela janela que se abriu com o vento da madrugada. Estaria Antony morto? Por qual fase da agonia ele estaria passando? A vingança se voltou contra ela, sem ele vivo para odiar, qual a graça de viver sem ódio? Quantas horas ainda faltariam? Por que não voltar lá e tentar reanimá-lo? Levá-lo ao hospital. Não se mexeu porém, morreria com ele. O veneno de rato seria agora para ela.

“O aniquilamento no lodo!”

Elizabeth surgiu montada no antílope e gritava: “Esse jarro é uma farsa. Esse jarro é o ódio!” As patas do bicho escoicearam o rato-juiz. As amarras ao tronco se soltaram.

— “Onde estou?” — Antony escutou sua voz. “Onde estou?” — continuou pensando, falando, mirando imagens moventes pelo escuro.

— “Onde estou? Rolo por uma parede, empurrado por um vento, um corredor se bifurca em três, quatro, cinco, seis e tudo se dissolve em outra parede. Sede. Garganta seca. Elizabeth estende a mão e me conduz por espelhos, por espinhos, por portas, por túneis. Rápido. A sombra de um rato nos persegue. Um interruptor de luz. As estantes, as gravuras dançam. O hexágono: centro do labirinto. A sombra se aproxima. Uma sombra espessa, pegajosa. “Siga a luz!” A sombra escurece metade do hexágono. Derrubo livros. Estou em pé? Estou deitado? Pareço subir. ”Siga a luz!” Através do vão de uma estante alta, um raio de luz corta a penumbra sépia em duas metades. Quebro o fundo de madeira da estante. Um túnel estreito onde mal rastejo. Sigo a luz. Lanterna. Vermelha como rubi. Um vidro esconde a saída. Quebro com os punhos. Passo por cacos. Atravesso o fogo. Estou na terra úmida e fria. Cheiro de relva. Elizabeth aparece cercada por ratazanas. Atira a lanterna para mim. “Levem-me. Deixe-o viver!” Uma porta de ferro se abre e Elizabeth vai sendo sugada entre guinchos de prazer de ratos. Muitos ratos. Um homem de face cadavérica envolve-a em seu manto, uma imensa sombra. Portas se fecham com estrondo e desaparecem todos na escuridão. A lanterna vermelha dança em meus olhos e percorre em imagens de pássaros e cores.” —

Antony despertou com a aurora. Sentia frio, sangrava por alguns doloridos cortes. Olhou ao redor. Não se lembrou como fora parar deitado nos jardins da Biblioteca. Uma janelinha do porão parecia ter sido quebrada, Sentou-se. Vomitou uma pasta esbranquiçada e compacta. Foi aos poucos se sentindo com forças para levantar e andar. Andar com a ajuda de um galho de árvore.

Teria dormido na biblioteca e sido esquecido lá? Lembrou-se de um cálice... Elizabeth estava com ele em um local no porão da biblioteca... Havia uma sombra de rato enroscada nela. Deveria resgatá-la do inferno dos ratos, era sua alma. E foi cambaleando em direção da casa dela.

O raticida, Elizabeth/Eleanora procurava os envelopes de raticida. Ela merecia o veneno de rato. Os olhos vermelhos, o corpo arranhado por ela mesma. Talvez abrir o gás e deixar-se ir. Talvez cortar os pulsos

sobre o corpo de Antony e sangrar até morrer, uma cena bonita. Pegou as chaves da Biblioteca. Voltaria lá. Talvez Antony estivesse vivo ainda. O hospital? Mas qual antídoto? O que dizer para salvá-lo?

Uma pedra atirada de fora quebrou a vidraça do seu quarto e caiu em sua cama. Alguém a chamava lá fora:

— "Elizabeth! Elizabeth! Quero falar com você! Abre a porta." —

Era ele?... Antony? A roupa dele rasgada, parecia manchada de lama e sangue. Outra pedra. Um estilhaço de vidro da janela acabou cortando a mão de Elizabeth. O sangue vermelho pulou vibrante.

Aquele vulto gritando era Antony!

— "Elizabeth! Abre a porta! Eu acordei! Você me deixou dormindo lá, agora acordei. Que alucinógeno incrível você me deu! Incrííííível!" —

Antony. Em pé. Falando. Machucado. Sujo. Vivo. Ele escapara. Ele saberia que ela o envenenara? Alucinógeno? Aquele veneno era um alucinógeno? As mortes descritas nas cartas e documentos seriam... mirações?

— "Elizabeth! Elizabeth! Eu entendo agora! Elizabeeeth!" —

Entender? Em outras janelas as luzes, já desnecessárias frente ao sol nascente, se acendiam. Outra pedra na vidraça e mais gritos.

— "Vou te salvar! Vou te tirar do Inferno! Da sombra! Agora eu sei! Elizabeeeth!" — O tom de voz era determinado, sem rancor, sem dissimulação. Ele então poderia jamais ter imaginado que ela tentara... Ele não precisava saber a verdade! Qual verdade? Enrolou-se em seu *robe* branco, o sangue escorria de sua mão e desenhava pequenas manchas na seda mesclando-se aos bordados. Derrubou os óculos e as lentes se quebraram. Esqueceu-se dos sapatos ao correr para fora de seu apartamento e descer as escadas.

Ele nada percebera, talvez fosse possível ainda... possível ouvi-lo? possível matá-lo? Talvez. Talvez, com o veneno de rato. Talvez não.

(1994, 2006)

